

## Miragens da “Terra prometida” e o Centro-Oeste da margem

### Mirages of the “Promised Land” and the Midwest of the border

Elisabeth Battista

UNEMAT/Cáceres-Brasil  
bethyunemat@gmail.com

**Palavras-chave:** Literatura e cultura de Mato Grosso, imagem poética da Terra Prometida, Dom Aquino Corrêa, Maria Muller, Dunga Rodrigues.

**Keywords:** Literature and culture of Mato Grosso, poetic image of the Promised Land, Dom Aquino Corrêa, Maria Muller, Dunga Rodrigues.

A Literatura dos Viajantes escrita sobre o Brasil, como cartas para a Europa, informando sobre as características da nova terra descoberta apresenta o país como espaço edênico, com riquezas à flor da terra e exuberante. A partir desse momento têm-se início as viagens exploratórias, levadas a efeito pelos europeus que vinham com a promessa ou a crença de que aqui encontrariam uma terra inexplorada, como recursos abundantes, pedras preciosas e madeira que os enriqueceriam.

Remonta ao final do século XV, início da colonização ibérica na América e a movimentação de portugueses rumo às terras de Castella, no extremo oeste do Brasil. A entrada será determinante para a dilatação das fronteiras e ampliação da colônia portuguesa em cerca de mais de dois terços do território brasileiro (Brazil, 1999). A busca pela captura de índios, do ouro e das pedras preciosas, no dizer de Taunay (1926)<sup>1</sup>, os portugueses conseguiram transpor a linha do tratado de Tordesilhas devassando terras e ocupando pontos estratégicos no continente. “Nesse movimento, as expedições enfrentaram as reduções jesuíticas espanholas, estabeleceram rotas, descobriram minas e criaram circunstâncias para a ocupação e o povoamento de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás” (Brazil, 1999, p. 118).

<sup>1</sup> Para saber mais, consultar: Taunay (1926).

O Brasil se torna, assim, na consciência do europeu, “a terra prometida”. Essa mesma noção é adensada alguns séculos mais tarde, quando os românticos evidenciam a cor local em suas obras. Dessa vez a ênfase é outra. Levados pelo temor da recolonização por parte de Portugal, falseiam a terra, fazendo imigrar para suas obras um continente sem as agruras das matas povoadas por feras, serpentes e indígenas. Estes pelo território da ficção, passam a ser vistos como indivíduos europeus vestidos de penas e enfeitados com cocar; isto é, infinitamente superiores aos cavaleiros europeus, porque além de serem éticos, exímios no manejo das armas, andavam enfeitados pelas coisas da terra. Mais tarde, a América Latina em sua totalidade se torna terra prometida.

É essa a visão plantada pelos escritores ao longo do século XX, numa tentativa de superar o nacionalismo crítico dos pré-modernistas. Inúmeros pesquisadores teorizam a esse respeito, dentre esses se destacam Darcy Ribeiro, Antonio Candido, Néstor García Canclini, Serge Gruzinski, Antônio Cornejo Polar, Ángel Rama, Carlos Fuentes, Alejo Carpentier (ensaísta) e Vargas Llosa (ensaísta). Enfim, patenteia-se, desta forma que o tema mais constante em nossa literatura é justamente o tema da Terra Prometida.

A imagem utópica e a paisagem da Terra prometida no imaginário popular foram objeto de reflexão em *O canto e a memória: história e utopia no imaginário popular brasileiro* (Peloso, 1996), Silvano Peloso afirma que os aventureiros que embarcavam para o Brasil traziam, na memória ou em livros amarrados por cordões, as folhas volantes com histórias da literatura popular, notadamente textos de cavalaria (como os *Amadises de Gaula*<sup>2</sup>), novelas pastoris, narrativas edificantes e livros religiosos, que acabaram por misturar-se ao imaginário das viagens que vinha da Antiguidade clássica, mantendo as últimas sombras da Idade Média nas auroras da Renascença. É desse caldo híbrido que nasce o imaginário na nova terra.

Por outro lado, Murilo de Carvalho defende que em se tratando de Brasil “A visão paradisíaca da terra começou com os primeiros europeus que nela puseram o pé” (Carvalho, 1995, p. 1), o motivo edênico habita, pois, a imaginação nacional desde os primórdios da presença europeia. A visão do país como natureza cristalizou-se definitivamente, neste sentido, a construção de uma determinada representação vai sendo forjada no imaginário que tanto seduziu e atraiu grupos e indivíduos no afã de oportunidades e amear fortuna.

A afirmação desta imagem desempenhou um importante papel na inserção de Mato Grosso como um “eldorado”, no mapa da “terra prometida”, sobretudo após a descoberta das minas de ouro. Um olhar de relance pelas práticas políticas no início do século XX, – na leitura dos discursos e manifestações dos parlamentares

<sup>2</sup> Uma das novelas mais populares da Europa até o século XVI, *Amadis de Gaula*, publicada por Rodríguez de Montalvo, em 1508, deu origem a todo um ciclo constituído por doze novelas, o Ciclo Amadises, que constituiu o último foco irradiador das sagas cavaleirescas para toda a Europa ocidental, numa época em que a mentalidade e a estrutura social já faziam anacrônicas essas narrativas aventureiras e idealistas, contrastadas com a ideologia burguesa do lucro, que impunha uma visão mais realista e pragmática do mundo.

mato-grossenses no Senado Federal da República – colhemos, neste curto trecho proferido pelo Deputado de Anibal de Toledo<sup>3</sup>, certos aspectos dessa condição:

Grande, vasto, imenso, pelo seu território, quase todo ele inculto e despojado ainda, ávido de vias de comunicação, de povoamento, de instrução, ‘de progresso’, enfim Mato Grosso, pela multiplicidade de suas necessidades políticas, econômicas e administrativas, basta por si só, para absorver toda a atividade, todas as energias de sua pequena representação nesta Casa. (Anais da Câmara dos Deputados em 24/03/1922)

Em seu pronunciamento, o parlamentar expõe de forma clara e sintética os três fatores que ocupavam o topo da agenda das discussões e remetiam aos problemas e desafiantes perspectivas frente ao estado de Mato Grosso. A imensidão do território, a baixíssima densidade demográfica e os agudos problemas de comunicação que davam, sem exagero, o tom das demandas que constituíam seus problemas de ordem política e consome, parte expressiva das manifestações na tribuna, tanto na Câmara como no Senado Federal. Tal registro torna patente as dificuldades para o provimento das necessidades e o desafio à exploração das potencialidades do Estado de Mato grosso.

A vastidão da área geográfica foi um poderoso tema que perpassou indistintamente a formulação dos discursos sobre Mato Grosso durante toda a Primeira República, ou seja, de nada valia a enormidade de seu espaço se o território não fosse alvo e palco dos instrumentos necessários para viabilizar suas potencialidades. Evidente que tornar o Estado mais atraente para investimentos e, por conseguinte, uma área privilegiada em termos de recepção de deslocamentos populacionais, exigia mais do que palavras, era necessário desencadear um conjunto de ações voltadas no sentido de, definitivamente, por a região no rumo do “progresso e do desenvolvimento”.

Como pudemos observar, a tribuna do Parlamento Federal foi estrategicamente utilizada pelos atores políticos para a nacionalização dos problemas e desafios estaduais, recurso importante, considerando as peculiaridades de um Estado que orbitava no interior do federalismo hierarquizado da Primeira República, sem expressão no cenário político nacional.

Na contra-margem dos atores políticos vamos lançar nosso olhar para as artes, a literatura e a vida social. Mediante exposição da imagem que se contrapõe à imagem do “eldorado” e “terra da promessa”, cabe questionar: como os intelectuais que viviam em Mato Grosso, à margem do eixo sul-sudeste, portanto, em região com pouco peso político e tida como “periférica”, se apropriam e reelaboram temas e discursos formulados a partir de suas experiências cotidianas?

A pesquisa e o conhecimento do papel exercido por precursores das práticas culturais no interior do Brasil, em regiões tidas como periféricas, do início até meados do Século XX, evidencia considerável contributo para a literatura

<sup>3</sup> Bacharel em Direito pela Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro em 06/12/1906. Deputado Federal entre 1912 e 1929; foi secretário da Câmara e membro da Comissão de Constituição e Justiça. Exerceu o governo do estado de Mato Grosso 22/01/1930 a 30/10/1930. Para maiores informações, ver: Fanaia (2010, p. 104).

e a imprensa ainda pouco estudadas, sobretudo a região brasileira localizada no bojo dos biomas Cerrado e Pantanal, na baixada cuiabana, em Mato Grosso. Isto porque as práticas culturais também vão exercer importante papel social na construção dos sujeitos, nos espaços tidos como “periféricos”. Registros que prenunciam como, do século XIX até meados do século XX, recortam o mundo e como as imagens escritas e desenhadas, por outros olhares, se mesclam para construir outros processos de significação.

Quando nos referimos à uma amostra representativa de intelectuais Mato-grossenses residentes em Cuiabá<sup>4</sup>, estes embora tenham vivido longe dos centros urbanos mais desenvolvidos e, portanto, terem estado geograficamente à margem de modismos e tendências, escritores cuiabanos – portadores de alta expressão intelectual – produziram obras jornalísticas, ficcionais e poéticas, conquistaram espaços na imprensa periódica e contribuíram para a dinamização da vida social, política e cultural de Cuiabá e toda região. Alguns exemplos são eloquentes, contudo vamos destacar três por meio de exemplos: Dom Aquino, Maria de Arruda Muller, e Dunga Rodrigues.

## A “terra prometida” e o ciclo do ouro

A construção de uma determinada representação do “Eldorado”, da “terra prometida” vai sendo forjada no imaginário no interior de uma ambiência cultural e, por esta razão, assume um papel importante enquanto estratégia narrativa e neste sentido, como afirma Chartier: “As representações não são simples imagens, verdadeiras ou falsas, de uma realidade que lhes seria externa; elas possuem uma energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado é, efetivamente o que dizem que é” (Chartier, 2009, p. 52).

Os documentos que dão testemunho dos registros, inclusive memorial, indica que a lenda aponta para a existência de uma certa alavanca de ouro maciço enterada na capela de São Benedito, pode ser uma das mais antigas lendas de Mato Grosso, pois os direitos especiais concedidos a Miguel Sutil para exploração do ouro e a permissão de entrada em sua lavra somente de quem ele deixasse, data de 1722. Fato que oportuniza a reflexão sobre a função social da lenda e os modos de representação nas manifestações estéticas e culturais de um povo.

Vale ressaltar que para Cândido (2006), a análise estética precede considerações de outras ordens e para a compreensão da obra, é necessária uma observação de seu condicionamento social. O autor adverte que embora haja uma ligação

<sup>4</sup> O registro histórico de Cuiabá começa a partir as expedições de bandeirantes em busca de índios e minas de ouro, na época colonial, no século 17. A futura capital mato-grossense atraiu desbravadores como Manoel de Campos Bicudo e seu filho Antônio Pires de Campos, e Pascoal Moreira Cabral, que assinaria a Ata de Fundação de Cuiabá. Entre os anos de 1670 e 1673, o bandeirante Manoel Bicudo subiu o rio Cuiabá e passou pelo atual Morro de São Jerônimo, situado em Chapada dos Guimarães, município a 65 quilômetros da capital. A princípio, o viajante foi motivado por lendas de que existia ouro nessa localidade. Manoel seguiu até chegar ao encontro dos Rios Cuiabá e Coxipó, local onde acampou e deu o nome de São Gonçalo.

entre a sociologia e a literatura a primeira não tem intuito de explicar os fenômenos próprios da segunda, mas apenas de esclarecê-los<sup>5</sup>.

Eles marcam, em todo o caso, os quatro momentos da produção, pois: a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio. (Candido, 2006. p. 30)

Assim, ao reconhecer que o artista adota uma posição social, Candido (2006) busca investigar as influências socioculturais e embora admita que elas sejam múltiplas, conecta as técnicas de comunicação à tríade: estrutura social, valores e ideologias. Neste ponto, surge uma pergunta: qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte? E qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio? A adoção desta perspectiva contribui para delimitar a nossa reflexão tendo como ponto de partida fenômeno literário.

## I

Um dos primeiros escritores a dar materialidade estética à lenda e ao tema da exploração do ciclo do ouro, no arraial das minas do Cuiabá, vem a ser arcebispo D. Francisco de Aquino Corrêa<sup>6</sup>. Em seu poema intitulado "A alavanca de ouro", o trânsito da oralidade para a escrita dará consistência e estrutura à lenda e vai fixar a leitura do imaginário. O poema, ao reelaborar tema do folclore mato-grossense, transfigura seu poder simbólico e pode ser tomado também como um dos referenciais identitários de Mato Grosso.

A alavanca de ouro<sup>7</sup>

Dizem que outrora, numa lavra funda,  
Viu-se aqui, toda de ouro, uma alavanca:  
todos a querem, mas ninguém a arranca,  
e mais se cava, tanto mais se afunda.

Contudo, cavam sempre...E a ganga imunda,  
que nessa escavação se desbarranca,  
vai dando ouro, muito ouro, e não se estanca,  
té que o arraial feliz de ouro se inunda.

Quanta sabedoria não encerra  
esta lenda gentil de minha terra,

<sup>5</sup> Nesta direção o crítico parte do princípio que a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana, ela pressupõe o jogo permanente de relações entre os três, que formam uma tríade indissolúvel. O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza. Deste modo, o público é fator de ligação entre o autor e a sua própria obra.

<sup>6</sup> Arcebispo de Cuiabá e governante do Estado de Mato Grosso Cuiabá (Brasil). Poeta e escritor, foi o primeiro mato-grossense a pertencer à Academia Brasileira de Letras. Um dos principais incentivadores à fundação da Academia Mato-grossense de Letras – AML e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso - IHGMT.

<sup>7</sup> Poema de Dom Francisco de Aquino Corrêa pode ser encontrado na web, em *Melhores sonetos de todos os tempos* disponível em <https://sites.google.com/site/heliocabral10/melhores-sonetos-de-todos-os-tempos>

que ao trabalho e à constância nos convida!

Trabalha! Que o trabalho é o teu tesouro,  
e será ele essa “alavanca de ouro”,  
que há de elevar-te e enriquecer-te a vida!

Concebendo-se, a literatura como um trabalho com a linguagem, num processo em que forma e conteúdo se interpenetram – O texto é constituído por doze versos organizados em quatro estrofes. Não bastasse esse rigor formal, revela-se já por essa observação da forma a preocupação com a comunicação, que tende a manter-se por meio de uma sintaxe narrativa.

O emprego consciente da simplicidade na seleção lexical e na estruturação sintática dos versos, conduzem o leitor ao desejo de reler e até de memorizar o poema. Logo na introdução, a 1ª estrofe “Dizem que outrora, numa lavra funda, Viu-se aqui, toda de ouro, uma alavanca: todos a querem, mas ninguém a arranca, e mais se cava, tanto mais se afunda”, a leitura do poema revela em essência, entretanto, o domínio de técnicas composicionais do soneto clássico que é, não só desejável, mas necessária para a excelência na produção do poema e fixação estética do tema.

Sua preocupação formal evidencia que ele toma a literatura como construção, como a “deusa serena, serena forma” dos parnasianos, pois o que ele busca, e parece decisivamente alcançar, é uma associação de forma e conteúdo que nos leva a refletir sobre a própria condição e concepção de literatura na modernidade, que explora tanto os códigos linguísticos, quanto as mensagens que eles podem veicular.

O verbo de ação “Dizem” que figura no 1º verso, da primeira estrofe, remete, de imediato, à indeterminação do sujeito. Quem? – “Dizem que outrora”... A resposta se perde na noite dos tempos imemoriais. O efeito estético remete para a ambiência de um contexto narrativo e, por conseguinte à uma lenda corrente na altura.

Nos doze versos de um poema bem laborado, dois elementos que se destacam semanticamente: o binômio – trabalho e tesouro – temas recorrentes na obra poética de D. Aquino Corrêa<sup>8</sup> serão: a disciplina do trabalho e sua recompensa. A disciplina do trabalho é representada na intensa movimentação que tem como eixo a motivação pela busca do ouro que transforma o cotidiano dos que o buscam nas profundezas da terra. Os homens estão indo ou retornando,

<sup>8</sup> O percurso de sua esmerada formação registra que em 1904, Francisco seguiu para Roma onde cursou filosofia e em seguida matriculou-se, simultaneamente, na Pontifícia Universidade Gregoriana e na Academia São Tomás de Aquino, por onde haveria de doutorar-se em Teologia, em 1908. Em 17 de janeiro de 1909, já tendo recebido todas as Ordens Menores e Maiores, foi ordenado presbítero. De volta ao Brasil, foi nomeado diretor do Liceu Salesiano de Cuiabá, cargo que desempenhou até 1914, quando foi designado, pelo Papa Pio X, como bispo-titular de Prússia e bispo-auxiliar da Arquidiocese de Cuiabá, cargo em que foi investido em 1 de janeiro de 1915, aos 29 anos, sendo, então, o mais jovem bispo do mundo. Em 1919 o Papa Bento XV conferiu-lhe os títulos de Assistente do Sólido Pontifício e Conde Palatino. Em 1921, com o falecimento do Arcebispo Dom Carlos Luís de Amour, foi elevado ao Arcebispado de Cuiabá,[2] recebendo o Pálio Arquiepiscopal das mãos de Dom Duarte Leopoldo e Silva, arcebispo de São Paulo.

pois todo esforço tem a perspectiva concreta de ser recompensado: "Contudo, cavam sempre... E a ganga imunda, que nessa escavação se desbarranca, vai dando ouro, muito ouro, e não se estanca, té que o arraial feliz de ouro se inunda". O elemento que forma a urdidura do poema é o vislumbre de uma realidade de fartura e abundancia material.

Ao impulso de uma necessidade intrínseca, o autor orienta-se segundo os padrões estéticos da sua época tardiamente ancorada no clássico verso parnasiano e a sua incessante busca pela perfeição formal. Assim, ao selecionar o ciclo do ouro como tema e evidenciar as influências socioculturais, o poeta adota uma posição social e o seu poema por assim dizer será canal de expressão da estrutura social, dos valores e ideologias subjacentes àquele meio.

## II

Outra autora que volta-se para a temática do ciclo do ouro é Maria de Arruda Muller<sup>9</sup>. Pela sua atuação como agente dinamizadora da cultura vale a pena olhar, ainda que de relance, para o seu percurso. Em 1916, Maria Muller, juntamente com Maria Dimpina Lobo Duarte e Maria Benedita Deschamps Rodrigues (Dunga Rodrigues), entre outras, no interior do Grêmio Literário Júlia Lopes de Almeida, criam a primeira Revista Feminista Matogrossense – *A Violeta*. Aqui levanto uma seguinte hipótese: a criação do referido periódico foi impulsionado, em parte para rebater o "conceito arcaico" veiculado pela imprensa masculina – a Revista *O Jasmim* criada em 1897 cuja linha editorial defendia que "A função estética da mulher está circunscrita à família" (*O Mato Grosso*, 31-1-1897).

No periódico feminista, *A Violeta* cuja circulação deu-se no decurso da primeira metade do Século XX, Maria de Arruda Muller assinava muitos dos seus textos com pseudônimos: Mary, Chloé, Vampira, Consuelo, Sara, Lucrecia, Ofélia e Vespertina.

Foi humanista e progressista, esteve na luta pelo voto feminino juntamente com a poetisa e musicista, também mato-grossense, Maria Benedita Deschamps Rodrigues – Dunga Rodrigues, sendo vistas, as duas, como intelectuais que atuaram como agentes culturais que se engajaram na luta pela inserção de pautas feministas nas práticas culturais em Mato Grosso.

Após os movimentos de Vanguarda modernista como o *Movimento Graça Aranha*, ocorridos em Mato Grosso no final da década de 1930, as escritoras do Grêmio Júlia Lopes optaram pelo cultivo da produção literária vinculada ao estilo romântico, como afirma Yasmin Nadaf em *Rodapé de Miscelâneas* (2002).

No início do século XX, portanto as escritoras do Grêmio demonstraram assim uma resistência em ligar suas poesias ao modernismo, e essa resistência pode ser percebida nos poemas de Maria Müller, apesar de postularem o pro-

<sup>9</sup> Professora, cronista, poeta e pesquisadora, natural de Cuiabá-MT, aos 9 de dezembro de 1898. Seus estudos iniciais foram obtidos no seio da família, que cultivava o hábito da leitura, o que fez com que a menina Maria Ponce de Arruda fosse alfabetizada aos 5 anos de idade.

gresso de seu Estado, como podemos observar em seu poema intitulado “Cuiabá” produzido em 1969 e compõe a coletânea *Sons Longínquos*.

No poema “Cuiabá” a autora procurou, na representação lírica do passado local, valorizar o sentimento de “cuiabanidade”, ou seja, fazer uma leitura do passado valorizando Cuiabá na sua condição de gênese da consolidação luso-brasileira nessa região, a partir do descobrimento das minas de ouro de 1719, e como centro político, econômico e cultural de Mato Grosso.

#### Cuiabá<sup>10</sup>

Os lusos rasgaram, de Afrodite, o seio  
Chantando as “Quinas”, nas Brasíliais praias  
Após dois séculos, as “bandeiras” sem receio,  
Rumo d’Oeste, estenderam novas raias...

Intrépido, frio, o piratiningano  
Aniquilou, de Castela, a pretensão.  
Moldou a unidade pátria, sem engano,  
A língua de Camões, em toda essa extensão.

As “Minas do Cuiabá”, de tão famosas,  
Atraem fina flor da gente Paulistana  
Também tigres nas façanhas monstruosas!

Nas terras de Poseidon, do El Dorado,  
De alta e viva aspiração humana  
És Cuiabá! coração predestinado!

Produzido no final dos anos sessenta do século XX, por ocasião do sesqui-centenário de Cuiabá, (1719-1969 = 250 anos), o discurso poético assume a forma de soneto – uma forma clássica. Com base nas marcas narrativas do poema, que remetem à intensidade de ações empreendidas no alargamento das fronteiras do Brasil, podemos perceber que este se estrutura em três momentos essenciais:

O primeiro a introdução (1º estrofe: apresentação do cenário, na qual conduz o leitor à uma bicentenária retrospectiva aos primórdios da ocupação; a circunstância política da marcha para o Oeste, a expansão da fronteira para além dos limites do tratado de Tordesilhas). O movimento bandeirante, referido nesta estrofe, assegurou a expansão do domínio e da ocupação portuguesa no Brasil. As bandeiras foram expedições geralmente não-oficiais que, desrespeitando os limites do domínio português (Tratado de Madri – 1750)<sup>11</sup>, alcançavam os mais

<sup>10</sup> *Sons Longínquos*. Cuiabá: Secretaria Municipal de Cultura, 1998, p. 19. (Comemoração do Centenário de nascimento de Maria de Arruda Müller).

<sup>11</sup> A dimensão territorial do Brasil ganhou praticamente seus contornos definitivos após as negociações de 1750, que teve a participação de Gusmão. Jaime Cortesão, em História do Brasil nos velhos mapas, traz a seguinte citação: “Um mestre do direito internacional, Hildebrando Accioly, escrevia, em 1938, com a proba dúvida do homem de ciência: Quem porém mais concorreu para o resultado a que se chegou com o Tratado firmado em Madri, a 13 de Janeiro de 1750, parece ter sido o famoso estadista e diplomata brasileiro que se chamou Alexandre de Gusmão” (Cor-

longínquos lugares em busca de riquezas minerais e mão de obra indígena. As informações sobre a existência de índios nessa região fez com que Pascoal Moreira Cabral também viajasse para as terras mato-grossenses, ainda em 1718. A expedição com pouco mais de 50 pessoas, além de índios e negros que eram escravos, chegou na região do Rio Coxipó.

A descoberta do ouro ocorreu após os integrantes dessa expedição terem se separado. Enquanto alguns tinham entrado em confronto com índios da região, outro grupo acabou encontrando ouro nas margens do Rio Coxipó. A bandeira de Pascoal se uniu a de Fernando Dias Falcão. Com isso, o objetivo da missão foi alterado de buscar índios para minerar ouro. Pascoal e os bandeirantes lavraram a Ata de Fundação de Cuiabá em 8 de abril de 1719.

O segundo momento - (2º estrofe: a exclusão do colonizador que vê a sua ambição aniquilada pela audácia do povo “Piratininga”, a fixação da Língua Portuguesa – a qual diz “Moldou a unidade pátria, sem engano, a língua de Camões, em toda essa extensão”, ou seja, fixou o Português como língua de comunicação e elo unificador de todo país).

O terceiro momento (3º e 4º estrofes – desfecho que remete à intensa movimentação das entradas e bandeiras no início do Séc. XVIII, rumo à fronteira Oeste, rumo ao El dorado, rumo à terra da promessa. Aqui as imagens voltam-se para o registro da dinamização econômica com a extração mineral em vultosas escalas que chamam a atenção da elite paulistana – empreendedores, não sem, entretanto, acarrear em igual medida “elementos que desafiam a ordem – com façanhas monstruosas!” que aqui a autora opta por associar ao “tigre” predadores e toda a carga semântica de ambição desmedida voracidade, para finalmente, associar imageticamente o decantado local às “terras de Poseidon”.

Poseidon, enquanto imagem arquetípica, comparece em vários mitos da Grécia Antiga. Num deles, disputou com a deusa Atena o controle da cidade-estado de Atenas, porém saiu derrotado. Num outro mito ajudou os gregos na Guerra de Tróia. Fez isto para se vingar do rei de Tróia que não havia lhe pagado pela construção do muro na cidade.

Assim, vimos que como estratégia, a construção poética recupera o mito e o passado histórico numa conexão retrospectiva, promovendo a convergência entre aspectos presentificados pelo legado histórico que remete às circunstâncias do gradativo povoamento de Cuiabá: “As minas do Cuiabá” de tal forma, atraem fina flor da gente paulistana” e, adicionalmente recorre às imagens do passado mitológico – ou melhor, realiza a articulação entre o que é verificável no plano vivido pela historicidade e o plano filosófico.

Maria Müller, estruturalmente, apoia-se no clássico – o soneto – para fixar a sua visão de mundo. Forma e conteúdo são articulados de maneira a revelar a habilidade criadora e o refinamento intelectual, na medida em que esta mescla o domínio dos aspectos históricos ancorando-os metaforicamente em figuras

---

tesão, 2009, Tomo II, p. 254); Cortesão (1969) apresenta também uma coleção de manuscritos referentes ao Tratado de Madrid que, em documentos, demonstra o período sob a influência de Gusmão nas negociações. Ver também José C. de Macedo Soares (1939).

mitológicas como Afrodite e Poseidon, a construção estética do poema carrega uma infinita dose de virtualidade e vem propiciar a reflexão sobre a configuração sócio-político-cultural que forjou o Estado Mato Grosso. Uma influência de Baudelaire na busca de um lugar de luxo e voluptuosidade

O enlace existente na entre forma e conteúdo – podem atestar que o gênero conviveu, enfrentou e sobreviveu a períodos de instabilidade e manteve traços que a perenizaram para além do tempo. Isto porque a presença de vestígios do legado clássico é canal de expressão de um movimento pendular que promove o deslocamento entre o passado e o presente, como ponto de confluência entre a vida social e a arte em zonas de fronteiras, constituindo espaços de reinvenção literária através da memória histórica, coletiva e individual, e também das memórias inventadas na produção dos discursos sejam quais forem suas naturezas, como interpretação do cotidiano na História do Estado. Neste sentido, ao voltar-se a própria história, realiza um severo exercício de reflexão. Em outras palavras, a autora apresenta aos leitores, um Estado que, ao caminhar para os seus 250 anos de existência movimenta-se rumo à modernidade.

### III

No âmbito das relações entre cultura e literatura localizamos ainda, em *Roteiro de lendas* (1984), de autoria de Maria Benedita Deschamps Rodrigues<sup>12</sup>, a Dunga Rodrigues, a intensa valorização da cultura local. *Lendas de Mato Grosso* (1984)<sup>13</sup>. A obra reúne 128 lendas e é dividida em duas partes. Na primeira estão as histórias de Maria Euzébia - “Ozébia” e, na segunda, lendas atribuídas ao padre José Maria de Macerata<sup>14</sup>. (Euzébia contava histórias para Dunga na sua infância). Frei Macerata, por sua vez, segundo a autora, era uma daquelas pessoas “que conhecem as criaturas tanto pela direita como pelo avesso”. Era uma dessas pessoas que costumava adivinhar pensamentos, de acordo com Dunga Rodrigues.

<sup>12</sup> Dedicou a sua vida à cultura e educação. Foi musicista, historiadora e escritora. Seu percurso faz dela uma das mulheres que mais se destacaram em Mato Grosso no século passado. Seus livros lhe renderam uma cadeira na Academia Mato-grossense de Letras, local que era freqüentado majoritariamente por homens. Dunga Rodrigues deu aulas de francês e, principalmente, de música. Promoveu recitais, formou muitos músicos na capital e escreveu diversos livros sobre a cultura e história de Cuiabá e Mato Grosso. Também foi membro do Instituto Histórico e Geográfico do Estado, do Centro de Música Brasileira do Estado de São Paulo e integrou a Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra.

<sup>13</sup> A coletânea teve a tiragem inicial de dois mil exemplares e contou com ilustrações de Antonio João de Deus.

<sup>14</sup> Frei José Maria de Macerata, da ordem dos Capuchinhos, que, no século XIX, foram os pioneiros da catequese e da civilização de índios e mesmo das pessoas da terra. Figura carismática era considerado vidente, com poder de profecias. Foi o primeiro prelado de Mato Grosso. Ao morrer deixou enorme acervo de obras pias e serviços prestados. Frei Macerata parecia conhecer as criaturas, “tanto pela direita como pelo avesso”: Depoimentos indicam que o mesmo era conhecido por adivinhar pensamentos.

Acerca da coletânea, Julio Delamônica Freire<sup>15</sup> afirma em carta publicada “É preciso chamar a atenção para a importância histórica e antropológica deste roteiro que registra dados etnográficos preciosos, essenciais à identificação de traços culturais que compõem o imaginário da tradição cuiabana”. A expressão dos traços da cultura popular serão colhidos nas atividades do cotidiano humano contida na maneira de falar, agir, pensar e que se propaga, quase sempre, oralmente. A cultura popular envolve símbolos e comportamentos que podem ser a origem de novas informações, como afirma Guimarães (2002, p. 98): “a linguagem popular é aquela em que prevalece a função de comunicar. Manifesta-se de modo oral, escrito ou ainda por meio de gestos, com certo predomínio da primeira forma”.

Lenda vem do latim medieval significa “aquilo que deve ser lido”. Dunga, ao contrário de Maria Müller, volta-se para o registro literário de narrativas transmitidas através da oralidade, visando explicar acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais, misturando fatos reais, com imaginários ou fantasiosos, e que vão se modificando através do imaginário popular. Conforme vão se popularizando, as lendas tendem a ser reproduzidas e registradas em forma de contos e histórias escritas, principalmente em livros.

Uma das lendas da coletânea volta-se do tema das “minas de Cuiabá”, trata-se da “Alavanca de ouro”, que segundo a autora é inspirada na versão popular cantada em versos pelo Arcebispo D. Francisco de Aquino Corrêa. Na versão laborada por Dunga Rodrigues a exploração dos detalhes e a preocupação factual caminham lado a lado com a onisciência narrativa. O estilo prosaico, no qual a fala espontânea apresenta marcas definidoras da oralidade, já no 1º parágrafo, retoma o passado remoto. Tal procedimento estético deve-se ao empenho de conferir o máximo de verossimilhança à narrativa. A contenção do discurso indireto deve-se, em parte, pela necessidade de síntese da lenda.

A forma de expressão empregada nos discursos diretos do texto constituem um estilo linguístico – discurso de intimidade – ainda verificado na fala do povo contemporaneamente. Há uma preocupação de condensação dos fatos para se chegar ao núcleo dramático da narrativa. A redução sintática e a aglutinação semântica criam no texto um estilo de fácil entendimento para quem lê. Toda a narrativa é permeada por um fundo maniqueísta, até porque, pela fonte da lenda há fortes motivos para isso.

O escravo bondoso e o velho andrajoso constituem personagens protagonista e antagonista. Como instigadora de uma situação conflituosa e habilitada a interagir, “A alavanca de ouro” pode ser elevada à categoria de personagem antagonista. Embora o texto não pormenorize aspectos físicos e psicológicos das personagens, a reação do escravo bondoso, diante do pedido do velho andrajoso revela àquele um perfil esférico de atitudes e uma classificação decisiva-

<sup>15</sup> Júlio de Lamonica Freire, arquiteto, autor da dissertação intitulada: *Por uma poética popular da arquitetura*, apresentado à ECA-USP -, o autor contribui para a formação de bibliografia sobre o Patrimônio Histórico de sua cidade, Cuiabá. A intenção do arquiteto foi difundir alguns conhecimentos sobre o processo construtivo da arquitetura popular brasileira, fornecendo subsídios de análise, crítica e interpretação de sua poética.

mente multifacetada. A obscuridade referida personagem favorece o enredo e em seu bojo o desenvolvimento da lenda. Nesta ordem, a construção do espaço expande-se para favorecer a “alavanca de ouro”. As lendas e os contos populares têm uma função social agregadora e transmitem valores que nos acompanham no decorrer da vida.

A autora, exímia “contadora de causos” desempenha papel preponderante na interpretação da lenda e uma função lúdica-ou-pedagógica junto do público leitor a que se destina. Para Rodrigues (1981), “são fatos presenciados por mim, ou conhecido de ouvir contar, possíveis de terem acontecidos”, “Há o fazedor de adivinhação. Não há muito tempo, um grupo muito grande, se prolongando pelas calçadas dos vizinhos, saboreando o cafezinho”, como acrescenta.

As lendas são narrativas que, da oralidade à escrita dão consistência e estrutura às situações e fixam a leitura do imaginário. Dessa maneira, Dunga Rodrigues vale-se da recolha de lendas, como forma e estratégia narrativa, na qual a construção do enredo remete aos usos e costumes da população cuiabana. Edgar Morin defende que (2002, p. 76) “todas as culturas têm virtudes, experiências, sabedorias, ao mesmo tempo em que carências e ignorâncias”. Neste espaço de representação literária compõem a natureza, a cultura, os temas e dilemas sociais, acrescidos da construção da sua identidade e do seu lugar. Nessa direção, a vivência social, as culturas se encontram e interagem, e podem conhecer e conviver com a cultura do outro é uma exigência da modernidade. Em um ambiente complexo, forma-se um mosaico, do qual imergem identidades culturais diversas, que precisam coexistir, respeitando-se mutuamente.

## Considerações finais

Remonta ao final do século XV, o tempo em que o Brasil se torna, na consciência do europeu, “a terra prometida”. Tal cosmovisão opera significados que serão muito bem aproveitados nas manifestações literárias e culturais. Assim, na busca de uma legítima expressão cultural, deslocamos a atenção dos centros brasileiros produtores de cultura e nos voltamos para as práticas culturais e experiências literárias do interior de um Estado, localizado no Centro-Oeste do Brasil anotamos que a recuperação do tema do eldorado e da terra prometida na imaginação criadora dos poetas e escritores é canal de expressão do seu significado na/para a cultura mato-grossense.

A produção criativa dos agentes culturais Mato-grossenses, Dom Francisco de Aquino Corrêa, Maria de Arruda Müller e Maria Benedita Deschamps Rodrigues (Dunga Rodrigues) têm como ponto de confluência o registro de traços culturais que compõem o imaginário da tradição cuiabana. A amostra representativa de autores selecionados contribui, sobretudo, para fixar os valores do grupo social que estes representam. Nesse sentido, a produção criativa aqui referida busca preservar o chamado sentimento de coesão cultural.

Fruto de um processo em que forma e conteúdo se interpenetram, a linguagem literária, nos textos selecionados compartilham muitas características com a linguagem cotidiana, porém possuem atributos que a singularizam, tornando-as modelares expressões de cultura. A produção da vida e da arte em regiões que

vão do Cerrado ao Pantanal Mato-grossense, localizadas à margem dos centros produtores de cultura, constituem-se espaços de reinvenção literária, através da imaginação criadora, da memória, coletiva e individual, e também das memórias inventadas na produção dos discursos sejam quais forem suas naturezas, como interpretação do cotidiano na construção da historicidade, cuja literatura, estamos propondo refletir. Vimos, nos textos selecionados, exemplares de consciência criadora nos quais é possível, pela captação dos olhares dos autores selecionados entrever as miragens da “Terra prometida” no Centro-Oeste da margem.

## Referências bibliográficas

- Anais da Câmara dos Deputados. (1922). *Discurso em 24/03/1922*. Brasil.
- Brasil. (1827). Lei de 15 de outubro de 1827. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/legislacao/publicacoes/doimperio>>. Acesso: 10 out. 2017.
- Candido, A. (1981). *Formação da literatura brasileira* (6.<sup>a</sup> ed.). Belo Horizonte, Itatiaia.
- Candido, A. (2006). *Literatura e sociedade* (9.<sup>a</sup> ed.). Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul.
- Carvalho, J. M. (1995). Brasil: nações imaginadas. *Antropolítica*, 1, 7-36.
- Chartier, R. (2009). *A história ou a leitura do tempo*. Belo horizonte: Autêntica.
- Corrêa, A. (1985). *Obras. Poética: Terra Natal* (Vol. 1). Organização Corsíndio Monteiro da Silva. Comemorativa do centenário de nascimento do autor. Brasília.
- Fanaia, J. E. A. (2014). A Fronteira Oeste como questão Nacional. In D. S. C. Garcia, & P. C. Miceli (Org.). *História e Fronteira* (pp. 146-155). Cáceres-MT: UNEMAT Editora.
- Fanaia, J. E. A. (2010). *Elites e práticas políticas na Primeira República em Mato Grosso (1889-1930)*. Cuiabá: EdUFMT.
- Guimarães, J. G. M. (2002). *Repensando o folclore*. São Paulo: Manole.
- Müller, M. A. (1998). *Sons Longínquos*. Cuiabá: Secretaria Municipal de Cultura.
- Nadaf, Y. J. (1993). *Sob o signo de uma flor Estudo de “A Violeta”*. Publicação do Grêmio Literário Júlia Lopes - de 1916 a 1950. Rio de Janeiro: Sette Letras.
- Nadaf, Y. J. (1996). Literatura mato-grossense de autoria feminina: séculos XIX e XX. In *Anais do VI Seminário Nacional Mulher e Literatura* (pp. 467-284). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Peloso, S. (1996). Folhas volantes, navios e aventuras. In *O canto e a memória: história e utopia no imaginário popular brasileiro*. São Paulo: Ática.
- Rodrigues, D. (1984). *Roteiro das lendas cuiabanas*. Cuiabá: EdUFMT.
- Taunay, A. d’E. (1926). *Índios! Ouro! Pedras!* São Paulo: Melhoramentos.

## Resumo

Ao olharmos para as práticas culturais e a literatura brasileira produzida em Mato Grosso, localizamos nas poéticas de Dom Francisco de Aquino Corrêa (1885-1956), Maria de Arruda Müller (1898-2003), e na prosa de Maria Benedita Deschamps Rodrigues (Dunga Rodrigues 1908-2002), uma produção criativa com miradas aos temas do “eldorado”, a “terra prometida”. Os autores fornecem imagens poéticas, a partir de cenários locais observados, na qual encetam uma viagem pelas paisagens e pela cultura mato-grossense tal como o povo hebreu parte em busca da terra da promessa. Ali as imagens arquetípicas remetem aos eixos da representação simbólica: do espaço – o eldorado e da busca pela Terra Prometida, reconfigurada na imagem do paraíso – e do homem mato-grossense, ao mesmo tempo em que congrega, em si, as imagens utópicas da terra prometida e dos antigos arquétipos universais.

## Abstract

When we look at cultural practices and Brazilian literature produced in Mato Grosso, we find in the poetics of Dom Francisco de Aquino Corrêa (1885-1956), Maria de Arruda Müller (1898-2003), and the prose of Maria Benedita Deschamps Rodrigues (Dunga Rodrigues 1908-2002), a creative production with looks at the themes of the “eldorado”, the “promised land”. The authors provide poetic images based on observed local scenarios in which they embark on a journey through the landscapes and culture of Mato Grosso as the Hebrew people set off in search of the land of promise. There the archetypal images refer to the axes of the symbolic representation: of space - the eldorado and the search for the Promised Land, reconfigured in the image of paradise - and of the Mato Grosso man, while at the same time conjoining the utopian images of the promised land and the ancient universal archetypes.